

Londres, segunda 8 de janeiro de 1923

*Mon cher Francis,*

Mais uma vez me dirijo a ti por meio destas linhas, cada qual representando um passo nesta longa jornada que me afasta de ti e me lança numa demanda velada, maliciosamente obscura, cuja natureza começa a revelar-se mais árdua do que supúnhamos. Já não nutria ilusões quanto à tranquilidade da missão, mas ontem compreendi que haveremos de nos embrenhar nos recantos mais sombrios para que algo venha à luz.

Ao menos posso tranquilizar-te: não enfrentamos qualquer perigo, e até onde pude perceber, não estivemos sequer próximos de tal. O que se deu foi uma sucessão de encontros e visitas a lugares que, infelizmente, nos conduziram apenas a becos sem saída, sem que obtivéssemos qualquer informação relevante.

Confesso que me senti deslocado, incapaz de contribuir com meus novos colegas, esse tal “*bando da Agatha Christie*”. Os métodos empregados e os locais visitados distanciam-se sobremaneira daquilo a que estou habituado. Minhas habilidades, estudos e especializações pareceram de pouca serventia naquele fim de semana de investigações.

Recordei-me, então, das vezes em que experimentei semelhante sensação, especialmente quando colaborava com o doutor *Edgard Roquette-Pinto* junto aos nambiquaras, na *Missão Rondon*, há dez anos. À época, lidávamos com uma profusão de povos indígenas, enquanto o ilustre marechal *Cândido Mariano da Silva Rondon* conduzia as tais *linhas telegráficas estratégicas* pelo interior do Brasil. Era como uma nova era das grandes navegações, explorando não mares distantes, mas o sertão desconhecido de nossa própria terra.

Naquela ocasião, indagava-me sobre a real necessidade de um arqueólogo. Claro que a viagem foi uma experiência altamente singular, por conhecer tantos povos nativos, principalmente a tribo, ou melhor dizendo, a nação dos nambiquaras. Contudo, estava mais acostumado a estudar tais sociedades por meio dos vestígios que deixaram, e não por meio do convívio direto.

Entretanto, a convivência com o “doutor Ed”, como o chamávamos, foi a inspiração de que eu precisava. Formado em medicina, dedicou-se posteriormente ao estudo dos *sambaquis* nas praias do Rio Grande do Sul, o que o levou a aprofundar-se em técnicas arqueológicas e, mais ainda, a tornar-se professor de antropologia no Museu Nacional, em 1906, quando tive o privilégio de conhecê-lo.

Hoje, após a Missão Rondon, ainda trocamos cartas. Ele está inteiramente imerso em um novo campo de estudo: o rádio. Empenha-se com vigor na fundação de uma sociedade dedicada à radiodifusão, com o intuito de desenvolver, divulgar e expandir esse curioso aparelho; não apenas para as universidades, mas também para os lares brasileiros, como já se observa em algumas regiões da Europa.

Imagino quanto tempo de estudo em distintas áreas esse homem acumulou. Quantas vezes precisou reaprender, reinventar-se, transitar por saberes diversos e recomeçar.

É com esse espírito de reinvenção que me despeço, mais uma vez, e aguardo com ansiedade o momento de embarcar no Expresso do Oriente, seguindo pelos trilhos de uma demanda que, velada como é, promete não ter volta tão cedo...

*Avec estime et admiration...*